

CINECLIO: CINECLUBISMO E EDUCAÇÃO

RAFAELA MARTINS; ROSANGELA MONTAGNER; DIRCEU ALBERTI; GILVAN DOCKHORN; JORGE LUIZ CUNHA.

Resumo: Este artigo pretende apresentar os resultados e discussões teóricas e metodológicas do Projeto de extensão “Cineclubismo, Educação e Cidadania na Terra dos Poetas”, que tem por objetivo democratizar a produção cultural, abrindo espaço, para que educandos(as) e educadores(as) da rede municipal de ensino de Santiago exercitem juntos(as) as múltiplas possibilidades de leitura que a linguagem do cinema oferece, possibilitando o acesso aos bens culturais, em especial a arte cinematográfica, contribuindo para a difusão do movimento cineclubista, e o uso do audiovisual na educação. A base teórica articula arte cinematográfica e a educação, a metodologia aborda os processos e métodos utilizados no cineclube em relação à curadoria, exibição e debate. Até o momento foram recebidos mais de 3000 educandos(as) e educadores(as) em sessões organizadas por ciclos temáticos e com debates ao final, sempre respeitando a faixa etária indicada.

Palavras chaves: Cineclubismo; educação; cinema e cidadania.

Abstract: This article intends to present the results and teorical and methodological discussions from the Extension Project “Cineclubismo, Education and citizenship in Poets Land”, wich has by object to democratize the cultural production, opening space to students and educators from municipal net of teaching from Santiago to exercite together the multiple possibilities of reading that the cinema language offers, making possible the access to the cultural goods, specially the cinematographic art, contributing to the cineclubista movement diffusion, and the use of audiovisual in education. The teorical basis articulates the cinematographic art and the education, the methodology will approach the process and methods used in relation to the curatorship, exhibition and debate. Until the moment, were received more than three thousand students and educators in sessions organized by thematic cycles and with debates in the end, always respecting the age group indicated.

Keywords: Cineclubismo, education, cinema and citizenship.

Considerações Iniciais

“Num filme o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a imaginação.” (Charles Chaplin)

O presente artigo tem por objetivo apresentar o projeto de extensão Cineclubismo, Educação e Cidadania na Terra dos Poetas, que promove a acessibilidade, à democratização, a reflexão e o uso da arte cinematográfica junto às escolas da rede municipal de Santiago, através de um processo harmônico entre práticas metodológicas e a otimização do processo de ensinar e de aprender. Os(as) educadores(as) e educandos(as) tem acesso aos filmes diretamente em uma sala de cinema, a sala do CineClio Cineclubes Santiaguense, que funciona em anexo a Estação do Conhecimento, tendo a Prefeitura Municipal de Santiago como responsável pelo deslocamento dos(as) participantes do projeto até o Cineclubes.

O cinema tem estado engajado na tarefa de orientar e esclarecer o público, sendo fácil entender o motivo do interesse dos profissionais da educação em utilizar-se deste recurso como ferramenta em sala de aula, pois além de proporcionar a diversificação dos prismas pelos quais podemos analisar determinados temas, nos permite abertura na construção de posicionamentos críticos e, conseqüentemente, mais responsáveis.

Outro aspecto importante, no uso da obra cinematográfica em ambiente educacional, é a capacidade que tem de comunicar por meio da imagem, proporcionando um relacionamento tanto interdisciplinar, quanto multidisciplinar, permitindo dessa forma uma complementação entre as distintas áreas do saber.

Em relação ao desenvolvimento do projeto, temos a preocupação de encontrar maneiras de socializar com o público, através dos filmes e dos debates, uma mensagem plenamente inteligível e que possa realmente fazer a diferença em relação aos temas abordados, em constante comparação aos sistemas tradicionais de ensino.

Desta forma, empreendemos esforços na busca do aperfeiçoamento das técnicas utilizadas pela equipe envolvida no projeto, visando sempre a qualidade das ações.

Nesta perspectiva, realizamos várias atividades no desenvolvimento do projeto, sempre desejando a originalidade, aplicabilidade, funcionalidade e objetividade dos temas em relação ao público alvo.

Os objetivos do projeto se orientam para: democratizar a produção cultural, abrindo um espaço para que educandos(as) e educadores(as) da rede municipal de ensino de Santiago exercitem juntos(as) as múltiplas possibilidades de leitura que a linguagem do cinema oferece; preparar os educadores(as) para discutir o papel e a linguagem dos

meios de comunicação de massa na escola; proporcionar ao mesmo tempo, entretenimento e aprendizagem, ensinando sobre as mensagens que um filme pode passar; proporcionar a aproximação com o cinema nacional e/ou alternativo possibilitando um novo olhar em relação ao audiovisual; fomentar e agilizar o processo de ensinar e aprender através da realização de reflexões e estudos sobre as temáticas exibidas no decorrer da execução dessa proposta extensionista; despertar nos(as) acadêmicos(as) e educadores(as) universitários, principalmente dos cursos de licenciaturas, e funcionários da rede municipal de ensino o interesse pela temática, promovendo seminários, encontros e oficinas sobre cinema, educação e cineclubismo.

Sobre o CineClio e o Movimento Cineclubista

O CineClio Cineclube Santiaguense teve sua origem junto ao Curso de História da URI, (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Santiago), através do projeto de extensão CineClio: Cinema, Educação e Cidadania. O passo seguinte foi associar-se ao Conselho Nacional de Cineclubes - CNC, o que lhe permitiu participar do Programa CINE MAIS CULTURA do Ministério da Cultura - MinC, sendo contemplado com equipamentos, capacitação e acesso aos filmes através da Programadora Brasil, o que lhe assegura promover sessões cineclubistas junto a Estação do Cinema, numa parceria entre a Universidade e a Prefeitura Municipal de Santiago.

Um cineclube possui três características básicas: não tem fins lucrativos; possui uma estrutura democrática e compromisso cultural e ético. Assim, a partir da utilização sistemática de filmes, de debates e outras atividades baseadas nos mesmos, procura desenvolver uma visão crítica diferenciada, ou seja, uma cultura cineclubista que permita vislumbrar novas maneiras de ver o mundo.

Para MACEDO “*Cineclube não é apenas exibição de filmes, mas apropriação do audiovisual em todas as suas dimensões*”. (2010, p. 48). Além de se vincularem:

(...) a uma concepção revolucionária e democrática de organizar a relação do público com a obra cinematográfica - agora audiovisual. Cineclube é o espaço do novo e do povo. Por isso sempre foram perseguidos pelo autoritarismo, marginalizados pelo poder econômico, ignorados pela maior parte das esferas institucionais. Hoje vivemos um momento muito particular na História, em que a tecnologia digital abre uma oportunidade única de democratização de meios de produção e distribuição do audiovisual. E a proposta cineclubista talvez seja a que melhor se adéqua a uma perspectiva de renovação democrática no campo

do audiovisual. Mas há muito pouca informação - e talvez muita desinformação - sobre os cineclubes e o cineclubismo.

Vivemos atualmente um período de retomada do movimento, pois, a partir de 2003, o movimento cineclubista vem ganhando força, principalmente em relação a algumas políticas públicas. Contudo ainda há muito o que conquistar.

Exemplo dessas políticas é o Cine Mais Cultura, programa do Governo Federal, que distribui equipamentos, capacita e possibilita o acesso gratuito as obras da Programadora Brasil. Já, o Cine Mais Educação, possibilita às escolas organizarem, através de oficinas, seus próprios cineclubes; porém a falta de informação, destacada por Macedo, faz com que a maioria das escolas não escolham essa atividade simplesmente por não saberem do que se trata.

O CineClio, além de ter o objetivo de democratizar o acesso aos bens culturais, pretende difundir o movimento cineclubista, através, principalmente, da informação sobre o movimento, que, por se tratar de uma entidade sem fins lucrativos e com uma visão ética e cultural, traz novas possibilidades de ligação com a educação.

Cinema, Cineclubismo e Educação

“Nossos esforços conjuntos, desafiam as impossibilidades”.
(Charles Chaplin)

Como não se deixar seduzir pela arte do cinema? Com pouco mais de cem anos de existência, a chamada “sétima arte” exerce sobre o público do mundo inteiro um grande poder de fascínio. Sem dúvida, uma das razões desse êxito surpreendente deve-se ao poder de comunicação da imagem. Ela corresponde a uma espécie de linguagem universal que pode ser compreendida por pessoas de origens e faixas etárias diversas.

O cinema já nasceu com certa vocação científico-educacional para além dos espetáculos e curiosidades dos vaudevilles do início do século XX. O cinema documentário e a tradição dos filmes etnográficos confirmam essa tendência.

No Brasil, a articulação cinema e escola tem o seu mito de origem em Humberto Mauro e no Instituto Nacional do Cinema Educativo - INCE, criado em 1936 por Roquette Pinto.

Pode-se dizer que era essa a preocupação dos criadores do INCE: que educação é essa que estamos promovendo, no cinema, na televisão, na sala de aula? Como o cinema pode, em realidade e magia, penetrar o universo educacional da sala de aula?

Como seria uma escola que também pudesse se expressar na língua do cinema e não somente na língua dos livros? Essas questões parecem persistir depois de tanto tempo e de tantas experiências. Não devemos fugir a essas questões, pelo contrário, temos que recolocá-las de novas maneiras, buscando sempre sob novos enfoques que esse diálogo se concretize.

Hoje, essa relação entre cinema e educação, inclui um novo aliado: o movimento cineclubista, pois:

Se o sistema educacional tem tanta dificuldade ao enfrentar a máquina de publicidade do consumismo, aí está um terreno fértil para o trabalho cineclubista, ajudando a formar nos jovens o amor pelo novo, pelas idéias, pela criatividade, pela liberdade de escolha, pelo cinema brasileiro. Ajudando, pois, a formar cidadãos. (ANDRADE, 2010, p. 213)

Isso tem a ver com leitura do mundo, com letramento, com alfabetização global, que envolve não apenas o domínio da técnica da leitura e da escrita, mas a possibilidade de perceber, de “ler”, interpretar as ocorrências que se desenvolvem à sua volta, na interação com os demais sujeitos no seu contexto social, mas com possibilidade de se relacionar com outros contextos, inclusive do passado, comparando, criticando, propondo ajustes, novas relações e organizações.

O cinema, com o seu aparato tecnológico apropriado para documentar, encenar e narrar histórias, construiu uma nova maneira de olhar para o mundo e, com isso, estabeleceu uma forma peculiar de inteligibilidade e conhecimento, assim:

O audiovisual então parece ser de longe a forma mais presente, e literalmente a mais visível de manifestações dessas transformações na vida de cada um. Além dele mesmo se transformar, o audiovisual é o veículo essencial de comunicação de todas as outras mudanças que acontecem na sociedade. Nunca os meios e produtos de comunicação audiovisual tiveram disseminação. Mas por outro lado, o acesso à qualidade e à pluralidade das formas de comunicação e expressão do conhecimento e da arte então cada vez mais restritas e sendo restringidas pela privatização e controle da circulação das obras de artes e dos bens culturais. Diante de uma incrível diminuição de distancia, de comunicação e de uma inédita diversificação de meios e produtos culturais, cada vez mais a “otimização” de segmentos de mercados o controle dos “direitos de propriedade intelectual” e, enfim, os preços absolutamente abusivos, relegam a quase totalidade das populações à periferia do conhecimento e da cultura universais, a uma posição subalterna diante da circulação da cultura, a uma proletarianização no acesso a comunicação, à cultura, à cidadania. (MACEDO, 2010 p. 32)

Diante dessa realidade percebe-se a urgência em incluir nas escolas, o acesso a esses bens culturais, não apenas dos equipamentos para a exibição, mas de uma formação continuada aos profissionais ligados a educação, sendo esse um dos objetivos

do projeto “Cineclubismo, Educação e Cidadania na Terra dos Poetas”, que ocorre através de oficinas, encontros e seminários.

Muitas pessoas somente terão acesso a certos filmes se eles estiverem presentes na escola ou através de cineclubes, ainda hoje nós brasileiros excluimos nossas crianças e jovens de direitos essenciais, como o direito a educação e a cultura, através do abandono, da pobreza e carência, dentro de uma realidade histórica social marcada por desigualdades, racismo, autoritarismo e exploração.

Porém, pouquíssimas escolas podem contar com salas apropriadas para sessões de cinema, tampouco as escolas têm se organizado para a recepção de novas linguagens. O tempo recortado das aulas quase sempre não permite que os filmes sejam vistos na sua integralidade. Há uma incompatibilidade temporal entre o cinema e a escola que talvez pudesse ser superada com um pouco de boa vontade e determinação. Assim :

É urgente e necessário, tanto quanto será belo, o encontro, o romance do cineclubismo com a escola. E se esse enlace ainda está por vir, ele pode estar perto. Ele se aproxima e poderá ser luminoso, se os profissionais da escola e o cineclubismo enviares esforços conjuntos nessa direção. Nesse sentido, cabe apontar uma agenda para discussão de forma que essa aproximação seja profícua e se realiza sem mais tardar. Não há tempo a perder e não há caminhos prontos, iremos construí-los no caminhar. (TEIXEIRA, 2010, p. 117).

É nessa realidade que o projeto se insere, pois, se na sala de aula, por falta de conhecimento, de tempo e de vontade é difícil trabalhar com a cultura cinematográfica, o cineclubismo propicia aos educandos(as) o prazer, encantamento, reflexão e debate acerca de uma obra, que poderá ser de curta, média ou longa duração.

Nesse mesmo momento o educador(a) percebe que existe outras possibilidades além de um filme longo que tomará três ou mais períodos, assim como uma nova forma de trabalhar com imagens instigando os educandos(as) a participarem democraticamente, sem ser aquela velha forma de fazer um resumo do filme, onde o aluno copia de alguma fonte (principalmente direto da internet) ou escreve sem tomar nenhuma posição e, na maioria das vezes, não reflete sobre o contexto e tema representado na tela.

Ademais, o DVD permite, para o bem ou para o mal, que o filme seja “decupado” a critério de quem o assiste. As imagens podem ser facilmente vistas e revistas. Ver filmes e as imagens que eles propõem deve ser um exercício de liberdade, uma fruição. Sem isso o cinema estará reduzido à mera ilustração de conteúdos curriculares e pouco dirá ao educandos(as).

Cinema é a arte da vida e talvez possa se constituir em um grito que desperte educadores(as) e educandos(as) para uma nova visão educativa, na qual os tradicionais

e os modernos métodos de ensinar e aprender possam fundir-se em novas possibilidades expressivas, pois:

(...) a educação é um ato político e de amorosidade, de cumplicidade com a vida. E fazendo-se também a escola, devemos assegurar que ela seja para nossos adolescentes e jovens, um lugar de alegria, de experiência e realizações, na qual eles “se amarrem” e que lhes permitam viver processos emancipatórios. Se assim é, se a escola deverá colaborar para que as novas gerações apropriem-se da cultura não repitam o passado, reinventando um mundo para todos, edificando no bem viver e no viver bem: se cabe à escola a formação humana, como enlaçar suas responsabilidades ao cineclubismo? Como um e outro podem dialogar e se completar em ações e gestos de reciprocidade e colaboração? Se nossas crianças e jovens, as novas gerações humanas que chegam às escolas ou estando onde estiverem não podem ser deixadas à deriva, conforme Arendt e Freire salientam, por certo que o cineclubismo nos territórios escolares, será mais uma forma de bem acolhê-las, para melhor cumprirmos nossas tarefas de gerações mais velhas e intermediárias diante das que chegam ao mundo, as novas gerações humanas. É inegável que, aproximando-se do cineclubismo, as escolas serão mais belas e felizes, serão mais profícuas e ampliarão o repertório cultural e estético de nossos meninos e meninas, alunos e alunas. (TEIXEIRA, 2010, p. 114)

Através da análise de um filme podemos entender as transformações do mundo, de um país, ou até a mensagem de um romance pode nos tocar a ponto de refletirmos sobre nossa história pessoal. Quantas mudanças de atitudes se deram as custas de reflexão e discussão da obra cinematográfica, uma clara demonstração da importância e da presença do cinema no imaginário coletivo mundial a partir de seu surgimento e consolidação no século XX.

Existe uma grande influência da sétima arte sobre os(as) educandos(os), pois não existem pessoas que possam se dizer imune a fichas de locadoras, sócios de cineclubes, etc. E em qualquer ambiente que frequentemos, é possível encontrarmos pessoas discutindo e fazendo reflexões sobre algum filme recentemente assistido. Sugestões, críticas, dúvidas, sequências são citadas e exploradas, interpretadas de diferentes formas.

Nossos(as) educandos(as), cinéfilos, fanáticos, precisam ser influenciados por seus educadores(as) a fazer uma análise mais profunda de um filme. A riqueza de estilos, a variedade de informações, que transparecem em comentários desde que incorporados a discussões relevantes.

O cineclubismo pode contribuir muito com a educação, porém, nesse cenário, a escola também tem muito a ensinar ao movimento cineclubista. Segundo TEIXEIRA os pontos mais relevante são:

(...) a dedicação, o zelo e a atenção para com as crianças, adolescentes e jovens. Embora nem todas as propostas didático-pedagógicas e situações escolares nos conduzam às práticas e projetos pedagógicos mais desejados neste sentido, tal como deveria ser, a instituição escolar se destina ao cuidado e à educação das novas gerações humanas. Essa é a sua responsabilidade primeira, assim como é ela, a escola, um direito de todos e dever do Estado. (...) Por essas trilhas, a escola e o cineclubismo se encontram, podem somar e se completar, pois o cinema tanto quanto a escola, não é também um fim em si mesmo. A arte será vazia de sentido e não contribuir para o bem comum, para a felicidade de todos os humanos e seres da natureza, para a vida. Nessa direção, o cinema e o cineclubismo devem também contribuir com sua parte, para a formação de nossas crianças e jovens. (2010, p.116)

Enfim, “No escurinho do cinema”, onde todas as emoções e sentimentos se tornam coletivos, educadores(as) e educandos(as) poderão experimentar o prazer de, juntos, assistirem a diversos filmes programados pelo projeto. Prazer que, ao acender das luzes, os debates sobre o tema, os atores, as técnicas e o processo de criação do filme certamente prolongarão.

Todo espectador é capaz de perceber, identificar e reconstituir, por inteiro, a imagem que se apresenta fragmentada na tela, um *big close* é hoje tão *natural* quanto qualquer figura que aparece inteira na tela. Pode-se que é natural apenas no cinema, pois essa não é uma experiência que as pessoas possam ter sem contar com os aparatos de captação e tratamento de imagem - câmera, lentes, gravadores, editores. A linguagem cinematográfica é o resultado de um processo de elaboração que envolveu muitas escolhas e precisou de certo tempo para tornar-se a linguagem global que é hoje. Jean-Claude Carrière conta que, no início do cinema, para que espectadores entendessem a narrativa, havia a figura do *explicador*, uma pessoa que, postada ao lado da tela, ia fazendo a relação entre as imagens e contando a história.

Ninguém vê *enquadrado*, ou mesmo se aproxima de tal maneira de coisas e pessoas para captar determinados detalhes que compõem muitas narrativas fílmicas. São lentes especiais que realizam esse trabalho. Essa naturalização da linguagem faz com que não haja uma maior preocupação com ela. Ver um filme é algo trivial para alguém que nasceu no século passado. O olhar enquadrado é parte essencial e corriqueira do viver contemporâneo, mas requer uma infinidade de técnicos e profissionais e movimenta uma indústria poderosa que lança, no mercado dos

consumidores de histórias, uma profusão cada vez maior de narrativas, procurando atender a todos os gêneros e gostos.

O cinema cria uma linguagem específica e, portanto, uma inteligibilidade peculiar. Assim, ao pensar o cinema, a escola pode também refletir sobre a educação que realiza, os métodos, o programa e até mesmo a sua organização. Como os filmes - e com eles a linguagem cinematográfica -, chegam à escola, à sala de aula, aos ambientes educacionais? Esta é a questão básica que permeia esta série de programas em que vamos discutir as possíveis relações do cinema com a educação.

Fornecer listagem de filmes que podem enriquecer a reflexão e ação do educados(a) em sala de aula é apenas um estímulo inicial. Conduzir a análise e a crítica coletiva sobre os principais temas apresentados/vivenciados na película é indispensável, uma vez que as pessoas enxergam diferentes detalhes nas cenas apresentadas, diferentes facetas de certas ações, reações, omissões, diálogos entre os personagens.

Se o educador(a) ficar restrito à própria visão e interpretação da obra, a contribuição desse filme para o seu fazer docente limitar-se-á ao que ele conseguiu captar e entender através de sua ação solitária como espectador. O uso que fará de tais conteúdos estará relacionado ao que decidir isoladamente. E isso depende da qualidade da sua formação como ser humano, como docente e cidadão, bem como de quanto se sente estimulado, que forças está disposto a mobilizar em tal direção.

Atualmente, no Brasil, estão sendo valorizadas as questões ligadas à cultura e, principalmente, estão sendo incluídas ações relevantes à democratização dos bens culturais, como o Projeto Cine Mais Cultura e o Mais Educação, a fim de desenvolver o sistema educacional. Conforme MACEDO:

De fato essa busca de desenvolvimento educacional vem sendo esboçada pelo governo, através de medidas importantes, mas ainda de alcance limitado, notadamente no nível da universidade. Mas Educação não é sinônimo de educação formal nem é atribuição exclusiva de governos. Ainda que necessariamente passe pelas instituições formais, pela qualificação profissional e pela inserção no aparelho produtivo, a educação, em seu sentido mais revolucionário, implica numa mobilização e participação da sociedade na sua elaboração e aplicação – que reciprocamente a transforma, promovendo uma efetiva mudança cultural. É nesse plano mais amplo que quero avançar algumas reflexões. Educação informal, extensa, transversal; educação como formação cidadã dos indivíduos para a vida produtiva em sociedade e para a construção dessa mesma sociedade com base na colaboração e não na competição, na associação entre iguais e não na dominação/subordinação. Como disse inicialmente, o audiovisual é a linguagem do princípio meio de comunicação social contemporânea. Ele *intermedia* as relações social contemporânea. Ele *intermedia* as relações sociais através da mediatização, essencialmente audiovisual. As instituições que controlam e orientam a mídia são as corporações multinacionais e os grandes

grupos nacionais de comunicação. A educação, a cultura, a formação dos valores nas sociedades está, portanto, em grande medida, sob controle e a serviço desses interesses. Mesmo a educação formal, a produção de quadros especializados, de intelectuais (no sentido gramsciano) necessários para a reprodução do sistema produtivo e social tem sido objetivo desses e outros interesses próximos: como hoje está bem em evidência no Brasil, com as compras e fusões com grupos internacionais dos maiores grupos educacionais privados nacionais. (2010, p.35).

Considerando que filmes são significativas fontes de conhecimento da realidade, uma vez que se propõem a fazer um recorte de determinados aspectos a serem retratados, focando uma trama que faz parte de seu enredo, analisar e discutir seus conteúdos em um conjunto de educadores, preferencialmente com o auxílio de um mediador, enriquece as diferentes visões que cada participante teve; alerta para detalhes que só alguns conseguiram captar e, também, acrescenta as diferentes visões e explicações de cada um, não apenas sobre o que foi visto/observado, mas sobre formas de utilizar tais conhecimentos em sua ação docente, em seu trabalho de formar alunos, não apenas com conteúdos cognitivos, mas também afetivos, emocionais, contribuindo para a formação em valores como caminhos para uma vida mais equilibrada e sadia.

Por certo que o cineclube na escola e levar a escola ao cinema ou ao cineclube, pode fortalecer e concretizar essa aproximação dos educandos ao cinema não comercial, retirando-os do lugar de meros espectadores em relação à poderosa indústria de bens culturais e do entretenimento, que espera de todos apenas um consumo ávido e uma recepção passiva e favorável do que ela nos oferece diariamente. (TEIXEIRA, 2010, p. 121)

Nessa relação entre cineclubismo, cinema e educação é que o projeto “Cineclubismo, Educação e Cidadania na Terra dos Poetas”, está inserido. Cabe aqui entender o porque da denominação “Terra dos Poetas”, essa é a denominação recebida pelo município, reconhecida em nível estadual pelo grande número de escritores e artistas que residiram na cidade, um exemplo é o escritor Caio Fernando Abreu.

Metodologia

A metodologia do projeto se constrói a partir de abordagens relativas às questões que envolvam cinema, cineclubismo, educação e cidadania como um todo. Portanto: se consolida através de reflexões prática-teoria-prática articuladas por técnicas como sessões de cinema, debates, oficinas, reuniões de planejamento, pesquisas, sessões de estudos e seminários.

Visando contemplar os objetivos norteadores do projeto, o desenvolvimento metodológico segue um delineamento em que os(as) educadores(as) e educandos(as) recebem oficinas mensalmente, em horários marcados pelas escolas.

Semanalmente são realizadas sessões de estudo, orientações e planejamentos com os(as) professores(as), acadêmicos(as) e colaboradores da Universidade envolvidos no projeto. As temáticas estudadas são escolhidas pelos(as) integrantes do projeto, de acordo com as necessidades sentidas no decorrer dos trabalhos com as escolas.

No final de cada sessão os educandos são instigados, através de um mediador, a participar de um “bate papo”, ou seja, do debate, que, segundo MACEDO:

O debate como instrumento convivial de compreensão e formação, através do compartilhamento das experiências do público. O cineclube não ensina nem “alfabetiza” o olhar. O público já nasce na frente da televisão e se socializa principalmente através das mídias audiovisuais. O “debate” – inventivo, informal – propicia e favorece a troca de experiências pessoais e comunitárias com a vista ao reconhecimento e construção coletiva de visão de mundo, dos interesses e identidades do público. Assim como das subjetividades individuais dos participantes. Acredito que toda pretensão de “ensino” de como ver ou entender um filme, além de vã, é autoritária. (2010, p. 49)

O objetivo do “apresentador” é instigar o público a participar, ou seja, “começar o papo”, fazendo com que o público interaja entre si de forma informal e que essa prática não seja uma obrigação.

Também, semanalmente são realizadas sessões abertas à comunidade em geral, com o objetivo de democratizar o acesso aos bens culturais.

Passo-a passo:

- Desenvolver reuniões de sensibilização ao projeto com a escola. Trabalho a ser realizado por professores(as) e acadêmicos(as) da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, envolvidos no projeto;

- Realizar as sessões de cinema, oficinas, acompanhamento, palestras e sessões de estudos, trabalhando as questões sugeridas pelo grupo, considerando o cronograma do projeto;

- Monitorar os resultados durante a implantação do projeto, bem como a cada trimestre de maneira formal. O processo é de auto-avaliação, com base nas narrativas apresentadas pelos usuários do projeto e demais participantes, buscando identificar nas falas as transformações decorrentes da inserção no projeto. Durante o trabalho em campo são registrados os relatos e impressões durante toda a execução do projeto.

Realizar oficinas sobre o uso de filmes na educação pode enriquecer a reflexão e ação do(a) educador(a) em sala de aula, e este é apenas um estímulo inicial. Mas,

conduzir a análise e a crítica coletiva sobre os principais temas apresentados/vivenciados na película é indispensável, uma vez que as pessoas enxergam diferentes detalhes nas cenas apresentadas, diferentes facetas de certas ações, reações, omissões e diálogos entre os personagens.

Considerando que filmes são significativas fontes de conhecimento da realidade, analisar e discutir seus conteúdos com um conjunto de educadores(as), preferencialmente com o auxílio de um(a) mediador(a), enriquece as diferentes visões que cada participante tem.

Resultados

O projeto, que teve seu início em março de 2011, insere obras cinematográficas no processo de ensinar e de aprender, usando metodologias adotadas e difundidas por pensadores(as) preocupados(as) com a diversificação das fontes e métodos do ensino. A preocupação com a prática interdisciplinar está presente em todos os momentos, possibilitando abordagens e debates diferenciados, tendo em vista o caráter multifacetário dos filmes, o que concorre para desenvolver nos(as) educandos(as) *“interesse pelas disciplinas (...) no seio das quais vivem leituras divergentes acerca da realidade social em diferentes tempos e espaços”*. (FONSECA, 2003).

Desde o início do ano escolar de 2011 até o momento foram atendidos mais de 3000 (três mil) participantes, entre educadores(as) e educandos(as). Levando em consideração que as atividades são desenvolvidas através de ciclos temáticos, esses foram em relação a convivência escolar, literatura, patrimônio, meio ambiente, sexualidade e diferenças (étnico/racial, de gênero, diversidade sexual e pessoas com necessidades especiais).

O CineClio atende, além das escolas, grupos de mulheres e idosos, a maioria das mulheres atendidas, através de ações em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Social, estão em situação de vulnerabilidade social, muitas vítimas de violência doméstica,

Também, organizamos eventos como a ação estendida “Cineclubismo em prol da redução de danos em relação ao uso de drogas”, em parceria com a Secretaria de Assistencial Social de Santiago, através do projeto Renascer. Já em parceria com os cursos de graduação em História, Psicologia, Enfermagem e Direito da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, (URI), apresentamos a Mostra Itinerante – 4 FOR Raiwbon Festival de Cinema e Cultura da Diversidade Sexual, onde foram apresentados 10 curtas e, após, houve um debate bastante interessante acerca do tema.

A partir do primeiro semestre de 2012 o projeto “Cineclubismo, Educação e Cidadania na Terra dos Poetas”, entrará em sua segunda fase, que visa através de oficinas e seminários contribuir com a formação continuada dos profissionais ligados a educação no município e acadêmicos(as) das licenciaturas da Universidade, sendo esse nosso público-alvo, mas, se houver a possibilidade, essas atividades serão abertas para o público que tiver interesse no tema.

Um dos mais relevantes resultados obtidos é a grande participação nos debates, após as sessões, principalmente quando o grupo é formado por crianças das séries iniciais.

Considerações Finais

O projeto “Cineclubismo, Educação e Cidadania na Terra dos Poetas”, atende os educandos(os) e educadores(as) no CineClio CineClube Santiaguense, que está localizado na Estação do Cinema junto a Estação do Conhecimento, em parceria da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus de Santiago e da Prefeitura Municipal, sendo que, durante os primeiros cinco meses, o projeto já atendeu mais de três mil educandos(as) da rede pública municipal, estadual e particular da cidade e da região.

No tocante à metodologia se destaca a participação do público no debate de forma informal e democrática, cumprindo assim com as características do movimento. Segundo Monteiro e Machado: *Educar o olhar, aprender a ler a imagem é também capacitar para saber julgar, para não deixar enganar. É dar ao espectador a capacidade de resposta.* (2010, p. 107)

O movimento cineclubista mostra-se como uma possibilidade de integração a educação formal, que precisa tornar-se mais atrativa, para não ser só uma obrigação. O(a) educando(a) muitas vezes frequenta a escola pela imposição dos pais, da sociedade e das autoridades.

O CineClube na escola e/ou um projeto que recebam as escolas em um ambiente cultural, como é o caso do CineClio, cria um elo entre o movimento cineclubista e a educação formal. O fato de trabalhar com temas globais, como Meio Ambiente, Cidadania, Patrimônio, entre outros, possibilita a educação interdisciplinar entre as diversas áreas do conhecimento, assim como a discussão de vários temas em uma disciplina, através de um(a) educador(a) que dinamicamente consiga incluir temas diversos em suas aulas relacionando-os aos conteúdos trabalhados.

Outro objetivo do Cineclio, enquanto cineclube, é difundir o movimento cineclubista na região, através de assessoria teórica e metodológica a prefeituras e entidades sem

fins lucrativos como escola, associações de bairros, etc. Sendo que irão iniciar atividades, no mês de setembro, dois novos cineclubes, um no município de São Francisco de Assis e outro no município de Capão do Cipó, RS.

Todas as atividades desenvolvidas são sem fins lucrativos e seguem um compromisso ético/cultural. Ao trabalhar com filmes percebemos que o mais importante é o poder de comunicação exercido por essa tecnologia.

Bibliografia

ALVES, Gionanni e MACEDO, Felipe. Cineclube, Cinema e Educação. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2010.

ANDRADE, João Batista. Cineclube, Cinema e Educação. In.: ALVES, Gionanni e MACEDO, Felipe. Cineclube, Cinema e Educação. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2010.

BENJAMIM, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica (1935/1936). Benjamim - Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política. S. P., Brasiliense, 1985.

BERNADET, Jean-Claude. Cinema Brasileiro: Proposta Para Uma História. In.: CARRIÈRE, Jean-Claude. A linguagem secreta do cinema. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

DELEUZE, Gilles. Cinema: a imagem-movimento. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DUARTE, Rosália. Cinema e Educação. Belo Horizonte: Autêntica. 2002.

FERRO, Marc. O Filme: Uma Contra-Análise da Sociedade? In.: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs). História – Novos Objetos. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1995.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados. Papirus. Campinas, SP, 2003.

LEIVAS, Regina Zauk. Educação e Cineclubismo em transito afetivo - "cineclubar" para educar. In.: ALVES, Gionanni e MACEDO, Felipe. Cineclube, Cinema e Educação. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2010.

MACEDO, Felipe. CineClube e Autoformação do Público. In.: ALVES, Gionanni e MACEDO, Felipe. Cineclube, Cinema e Educação. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2010.

MONTEIRO, Marialva e MACHADO, Regina. Educação pelo Cinema – Cinema na Educação. In.: ALVES, Gionanni e MACEDO, Felipe. Cineclube, Cinema e Educação. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2010.

NAPOLITANO, M. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.

REALI, Noeli Gemelli. Cinema na Universidade: possibilidades, diálogos e diferenças. Chapecó: Argos, 2007.

RAMOS, Fernão, História do Cinema Brasileiro. São Paulo: Art Editora, 1990.

TARKOVISKI, Andrei. Esculpir o tempo. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Uma História sem fim – O Cineclube abraça a Escola. In.: ALVES, Gionanni e MACEDO, Felipe. Cineclube, Cinema e Educação. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2010.